

O curioso caso de *Chelus fimbriatus*

> **POR MÁRIO BENTES**

Região Amazônica, década de 40 do Século XVI. Um homem de mais ou menos 50 anos de idade caminha com certa dificuldade por entre a densa relva. Munido de folhas de papel, ele eventualmente faz algumas paradas para observar o movimento das árvores. Quase não venta. “Enfer!” (Inferno!) – resmunga o homem, em francês, referindo-se ao calor insuportável daquela selva Tropical.

Em meio ao material que ele carrega consigo, existem alguns rascunhos de desenhos de pássaros. Ele não é artista, porém. Trata-se de um médico francês que também ganha a vida como naturalista. Após algumas horas de caminhadas, já exausto, o homem chega às margens de um lago e se agacha para beber das águas calmas. É nesse momento que o naturalista vê, pela primeira vez, uma criatura esquisita e assustadora logo abaixo do espelho d’água, a poucos metros de si; algo que mais parecia um monstro Pré-Histórico. “Quic’est ça!?” – exclamou assustado (O que é isso!?).

O monstro em questão tinha a cabeça plana, longa, triangular e repleta de marcas semelhantes a espinhos, antecedida por um longo pescoço, também cheio de dobras de pele similares a folhas secas. Seus olhos eram tão pequenos que eram quase imperceptíveis em relação a todo o resto. Uma carapaça escura e de textura cheia de projeções pontiagudas era predominante em seu corpo, que não era muito grande – tinha cerca de 50 centímetros de uma ponta a outra da carapaça. Os dedos das patas – quatro nas traseiras e cinco nas dianteiras – eram divididos por membranas finas, e cada um deles possuía longas

GRAVURA DE R. A. LYDEKKER - DO THE ROYAL NATURAL HISTORY MATAMATA



garras nas pontas. Tão logo viu a criatura, o francês pôs-se de pé, apanhou os papéis e deu o pontapé inicial para a História científica do mais estranho dos quelônios amazônicos: o Matamatá (ou Matá-matá).

“Patinho feio”

A detalhada reconstituição histórico-dramática narrada acima é fictícia, mas não seria de se surpreender se a reação do médico e naturalista francês Pierre Barrère (1690-1755), em idos de 1740, tivesse sido bem parecida. Dadas às suas particularidades estéticas únicas, o Matamatá provavelmente carrega o título de menos simpático dos quelônios amazônicos. Tudo bem, sejamos honestos, ele é feio – pelo menos para a maioria dos que o vêem. Uma rápida busca na Internet pode trazer, além de informações científicas, algumas descrições no mínimo curiosas.

Um bom exemplo foi o caso do cientista Benjamin Davidson que, em 2001, em um artigo publicado pela University of Michigan Museum of Zoology, fez a seguinte declaração sobre o indivíduo em questão: “(...) *Chelus fimbriatus* (nome científico do dito cujo) é quase surrealista na aparência, e, à primeira vista pode assemelhar uma pilha de escombros”. Exagerado, mas criativo.

Mais de quatro décadas depois da primeira descrição do réptil feita por Barrère, o também naturalista Johann Gottlob Schneider (1750-1822) fez a primeira classificação científica do Matamatá. A graça *Chelus fimbriatus*, apontado em 1783 por Schneider, pode não ser tão bela quanto o visual despojado desta tartaruga, mas certamente não é tão estranha como

CHELUS FIMBRIATUS



O matamatá, cuja a primeira descrição foi feita há mais de quatro décadas, gosta de viver em águas superficiais, ao longo da margem de lagos e em áreas de florestas inundadas. Seus fígado e músculos concentram elevados índices de mercúrio, metal perigoso quando ingerido pelo homem

os outros nomes dados ao animal em outras partes, como bachala (Colômbia), caripatúa (Colômbia e Venezuela), ope hara (índios Guaribo) e hedionda (Colômbia) – este sim, um nome muito adequado.

Herbívoro, eu?

Encontrado em boa parte dos países que compõem a Amazônia Sul-Americana – Brasil, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, nordeste da Bolívia, Suriname e Guiana Francesa – o matamatá gosta de viver em águas superficiais, ao longo da margem de lagos e em áreas de florestas inundadas. Apesar da aparente tranquilidade e sutileza dos gestos, este quelônio é um dos poucos de hábitos alimentares quase que completamente carnívoros. Portanto, se por algum momento você comparou o matamatá a aquele seu jabutizinho fofo criado dentro de um balde d'água e vivendo de alface, tire o cavalinho da chuva: ele não é muito fã de verduras. Quem afirma é o pesquisador especialista em répteis e quelônios, Richard C. Vogt, professor titular no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) – onde ocupa ainda cargo de curador da Coleção de Anfíbios e Répteis.

No livro “Tartarugas da Amazônia” (Gráfica Biblos, 2008), Vogt explica os hábitos alimentares da tartaruga e as táticas de guerrilha por ela adotada para apanhar suas presas. “Quando um peixe se aventura pelas adjacências, essa tartaruga lança sua cabeça para frente em um súbito movimento, atacando rapidamente como uma cobra, abrindo a boca simultaneamente e expandindo os ossos hióides bem desenvolvidos na cabeça, sugando o peixe e a água para dentro da boca como um poderoso limpador a vácuo, engolindo o peixe inteiro”, explica o pesquisador, no capítulo 6 do livro, dedicado ao guloso matamatá (página 55).

Mas o longo pescoço do *Chelus* não é usado apenas para o ataque, segundo Richard Vogt, mas atua também como um importante recurso defensivo: “Quando segurado, uma mata-matá recém capturado irá debater a cabeça e o pescoço para trás em direção à carapaça e vomitar conteúdos estomacais sobre quem o estiver segurando. Essa tartaruga parece ter a mesma força para exalar e arremessar uma sopa de peixe rançosa, como faz para sugar o peixe inicialmente”. A tática pode ser até nojenta, mas certamente deve ser eficaz contra seus inimigos – salvo a exceção de algum deles gostar de sopa de peixe de segunda mão.

Não ouse me comer

Antes que algum mal-informado tente se ali-

mentar de matamatás – o consumo de seus parentes, como jabutis e tracajás, é comum na região amazônica –, um aviso importante: assim como em todo o mundo animal, aparências estranhas e cores fortes geralmente são bons indicadores para que ninguém se aproxime. E com o *Chelus fimbriatus* não é diferente. Mas isso não se trata apenas de mera especulação. O consumo de matamatás realmente não é aconselhado.

Prova disso é o resultado uma pesquisa publicada no fim do ano passado por Richard Vogt e outros três pesquisadores. O trabalho concluiu que o fígado e os músculos de espécies carnívoras de tartarugas que habitam a região – entre eles o matamatá – concentram elevados índices de mercúrio, um metal usado principalmente em áreas de mineração e que é perigoso quando ingerido pelo homem. “(...) o músculo de *C. Fimbriatus* pode representar um risco à saúde das populações ribeirinhas. Tais espécies com um nível trófico (de nutrição) alto poderiam ser melhores bioindicadores de exposição e efeitos”, conclui a pesquisa.

O pesquisador, no entanto, relata em seu livro que algumas tribos indígenas costumam se alimentar de matamatás, mas é enfático ao se referir à opinião dos ribeirinhos sobre a iguaria: “(...) algumas tribos indígenas o consomem quando o encontram, mas a maioria dos ribeirinhos no Brasil rejeita esta tartaruga devido à sua aparência peculiar bem como seu odor almíscar”. Ou seja, além de ser feio, ter mercúrio no sangue e nos músculos, o mata-matá

ainda consegue feder. Ponto para ele, que, fora o caso de alguém descobrir que sua carapaça ou outra parte do corpo possa ter algum valor comercial notável, vai continuar fora da lista de espécies ameaçadas. E ponto para a natureza, que se mantém com sua diversidade em equilíbrio.

Mas caso alguém ainda tiver dúvidas quanto a ter o mata-matá em seu almoço, apesar do volume de informações dizendo exatamente o contrário, siga o conselho do pesquisador Richard C. Vogt, que é quem entende do assunto: “Além do seu ‘delicioso’ conteúdo estomacal, eles também exalam ar para produzirem um som alto alarmante. Tal som pode ser efetivo para alarmar e repugnar alguns predadores mamíferos pequenos bem como humanos, prevenindo-os de serem comidos – Eu certamente não teria dúvidas de que não comeria!”. Bem pensado, Vogt. Bem pensado.

*Colaborou: Carolina Nunes